

Do físico ao digital: Transformações no espaço de criação artística

From physical to digital: Transformations in the space of artistic creation

Andressa da Silva Freitas (PPGART-UFSM)
Flávia Maria de Brito Pedrosa Vasconcelos (PPGART-UFSM)

Resumo: Este artigo investiga a transformação do ateliê como espaço de criação artística a partir da migração do físico ao digital, em relação ao corpo criador do artista. Parte de vivências e reflexões teóricas no campo da arte contemporânea, observando os dispositivos eletrônicos, tais como celulares e tablets que operam além do viés de ferramenta tecnológica ou aparato digital, mas funcionam na práxis como ateliês portáteis. Tal alcançabilidade, embora amplie as condições de criação, também revela contradições ao permitir a produção em todos os lugares e “não-lugares”, no sentido discutido por Marc Augé (2009). O texto busca compreender como o ambiente influencia diretamente o corpo criador, alterando seus comportamentos e consequentemente influenciando os trabalhos artísticos criados por ele, em diálogo com os escritos de Sandra Rey (2002), Cecília Almeida Salles (2011) e Byung-Chul Han (2015).

Palavras-chave: poietica; ateliê; espaço de criação; corpo criador; dispositivos eletrônicos.

Abstract: *This article investigates the transformation of the studio as a space for artistic creation through the shift from physical to digital, in relation to the artist's creative body. It draws on experience and theoretical reflections in the field of contemporary art, examining electronic devices—such as cell phones and tablets—that operate beyond their role as technological tools or digital apparatus, functioning in practice as portable studios. Such accessibility, while expanding the conditions for creation, also reveals contradictions by enabling production in all places and “non-places,” in the sense discussed by Marc Augé (2009). The text seeks to understand how the environment directly influences the creative body, altering its behaviors and consequently influencing the artistic works created by it, in dialogue with the writings of Sandra Rey (2002), Cecília Almeida Salles (2011), and Byung-Chul Han (2015).*

Keywords: poetics; studio; creative space; creative body; electronic devices.

Introduzindo

A pesquisa aqui brevemente delineada, surge com a consciência de inquietações referentes às mudanças e transformações, que se manifesta em relação do corpo criador com o *espaço de criação*,¹ este que também pode ser denominado como ateliê. Pontuando que tais apontamentos emergem como consequência de estar cursando o mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART) pela instituição Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), interpreto que os assuntos, temas e conceitos abordados fazem parte do processo de construção do texto, aliando-se discursos e práticas na dissertação.

No espaço de tempo do primeiro semestre do mestrado, surgem percepções de mudanças perante o meu espaço de criação de arte, desta forma utilizo da Poética (Sandra Rey, 2002) para discorrer sobre estas transformações que afetam o meu corpo criador tanto quanto os trabalhos artísticos produzidos durante este período. Dessa forma, reflito sobre os afetos e consequências da migração do espaço de criação, saindo do local físico vinculado aos cômodos fechados e ao domiciliar, para o espaço digital, móvel e portátil. Com isso, percebo que a situação do espaço também como conceito da pesquisa é possibilitada pelo uso de dispositivos eletrônicos como celulares, *tablets*, *notebooks* e computadores.

Para o desenvolvimento dos apontamentos aqui feitos, são utilizados dos escritos de diversos autores, entre eles Sandra Rey (2002) abordando o conceito da Poética, Marc Augé (2009) com a noção de “não-lugar”, Cecília Almeida Salles (2011) com a “estética inacabada” e Byung-Chul Han (2015) com o conceito de “tédio”.

Contextualizando conceitos

Seguindo com o objetivo geral, procuro evidenciar o processo da mudança da utilização de um ateliê físico ao digital e sinalizando juntamente as suas consequências, e as influências ao corpo criador investigando os seus benefícios e malefícios.

Por essa razão, traduzo que faz sentido pontuar que este texto é feito por uma artista visual e pesquisadora, formada em Artes Visuais bacharelado (2023) - UFSM, desta maneira ressalto que fui atravessada pelas experiências durante o período da graduação, onde frequentei os diversos laboratórios e ateliês do Centro de Letras e Artes (CAL), prédio onde são ministradas as aulas. Da mesma forma, informo que o começo do processo de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) decorreu durante a pandemia da Covid - 19, e foi finalizado quando as aulas presenciais retornaram ao campus.

Neste sentido, na soma do período de graduação e na atualidade com o da

1 Identificado como espaço de criação todo espaço que é escolhido e utilizado com o propósito de dedicar-se a criação artística.

pós-graduação foram obtidas vivências e experiências em múltiplos *espaços de criação*, tanto coletivos no campus, ou isolados em casa, trabalhando não somente com linguagens tradicionais como a da pintura, do desenho e da escultura, mas também desenvolvendo trabalhos artísticos pelo âmbito digital como fotografias, videoartes e colagens digitais.

Após a finalização do TCC, onde foi criado e dissertado sobre o *Quartoateliê*,² existia a afirmação pessoal de que não havia mais o que pesquisar sobre o próprio espaço de criação, e que todos os desdobramentos sobre o tema tinham sido sanados, assim perdendo o interesse no tópico. Percebo que essa situação me fez questionar sobre o objeto investigado e suas reverberações na constituição de minha poética enquanto artista e ao passo disso, no processo da pesquisa do mestrado resolvi prosseguir com o intuito de investigar ateliês de artistas e averiguar como estes espaços os influenciavam relações entre materiais, pensamentos e produção.

Logo nos primeiros meses da pesquisa, a compreensão do ateliê como espaço fechado de artista se revelou incorreta, momento em que se percebe as mudanças existentes perante o *espaço de criação* pessoal que tem relação com o tempo e o contexto da experiência, como espaço de práxis, algo que só foi descoberto pois a pesquisa estava ativa, e desta forma, ao meu entender, estava viva, e em um estado de processo e movimento, logo adquiriu ainda mais o meu interesse.

Percebo que, ao começar o processo do mestrado, encontrava-me durante grandes períodos diante de telas. Do celular, do *tablet*, do *notebook* ou de computadores, e o tempo para produção prática poética diminuía. Desta forma, a saída que o corpo criador encontrou para seguir a pesquisa da pós-graduação, (que se encontra no campo prático-poético) foi criar em relação com as telas, tornar estes momentos que são mais frequentes do que o tempo disponível para acessar ateliês físicos e momentos de criação. Diante disso, começaram a surgir trabalhos artísticos vinculados com dispositivos eletrônicos digitais, vinculados por serem de onde surgiram, mas também pois eles levam como temática o processo de criação entrelaçada com o contexto digital eletrônico.

Foram produzidos três trabalhos artísticos no primeiro semestre de 2025, que entre si partilham como base de matéria-prima capturas de tela (*prints*) autorais feitas durante o primeiro semestre do mestrado, são eles a videoinstalação *~disparadores (2025)* (Figura 01), onde procura-se abordar o tema da saturação de tela/imagens do dia a dia vinculado ao campo acadêmico artístico, a instalação *Ecrãs em colisão (2025)* (Figura 02), feita com *prints* impressos interferidos pictograficamente de forma manual e digital, trabalho que possibilita a oportunidade de pausa e análise dos instantes capturados durante momentos de

2 Conceito criado durante o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), período de isolamento social, que apresentou a necessidade da utilização do cômodo domiciliar do quarto, local de descanso para ser utilizado concomitantemente como o espaço de produção artística, um ateliê.

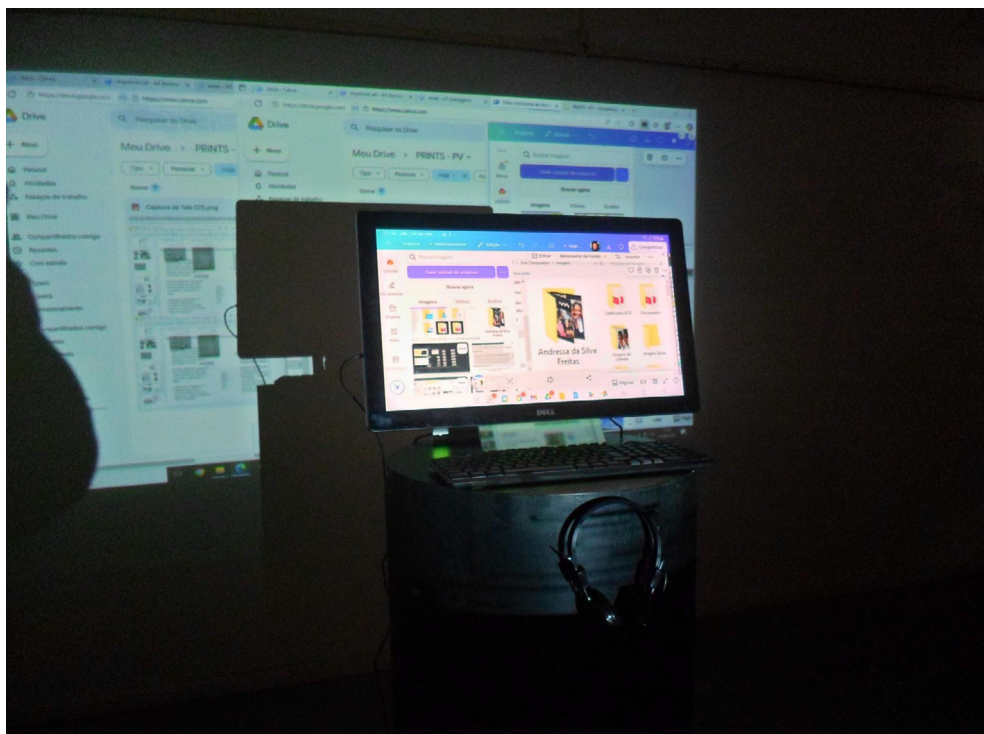


Figura 1. "disparadores", videoinstalação, Andressa Freitas, 2025. Fonte: Autoral (2025).

pesquisa, leitura e escrita, e a série de dez colagens digitais denominada *D.0101* (2025) (Figura 03), onde são apresentados simulacros dos períodos de pesquisa no âmbito digital.

A produção de uma série de trabalhos artísticos no período supracitado, me possibilitou refletir sobre este momento cheio de disparadores que foi o primeiro semestre da pós - graduação em Artes Visuais e, por este olhar, a pesquisa discorreu e se transformou perante a investigação e a formação dos resultados artísticos. Como discute Sandra Rey (2002 p. 134) sobre o cerne e objeto da Poética, trata-se da perspectiva da obra se fazendo, do trabalho artísticos em construção, assim a discussão se forma em volta do processo de criação da obra e tudo o que o influencia e constrói.

Utilizo o conceito de Poética como instrumento de apropriação para dar seguimento na discussão, seguindo pelo viés do foco no processo, e não somente nos trabalhos finalizados. Ao lado disso, vejo-o como um método aberto com destaque na reflexão e investigação de cada passo do processo, operando como guia os três parâmetros fundamentais da Poética : liberdade (expressão da singularidade), errabilidade (direito de se enganar) e eficácia (se errou, tem que reconhecer que errou e corrigir o erro) (Rey, 2002 p. 134).

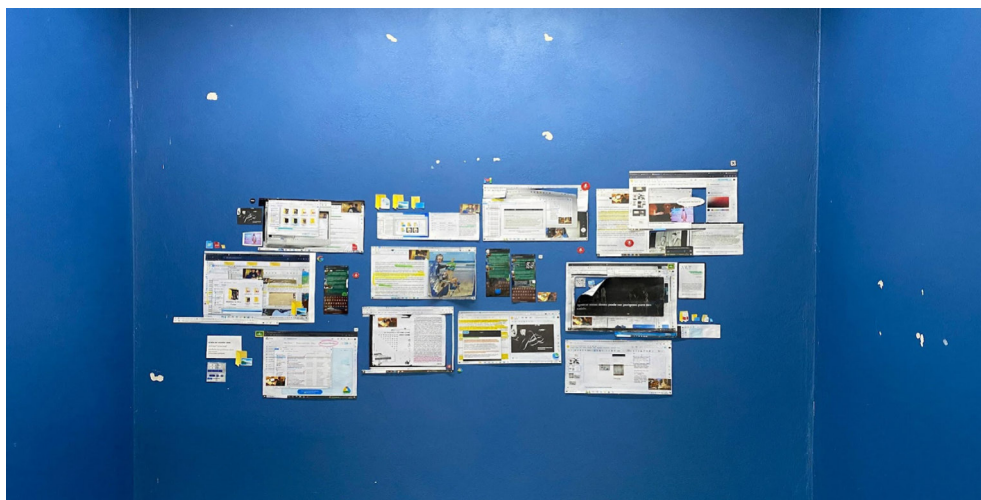


Figura 2. "Ecrãs em colisão", instalação, Andressa Freitas, 2025. Fonte: Autoral (2025).

Compreendo que cada parâmetros complementa o outro, viabilizando e visibilizando a pesquisa no percurso da construção de processos de ciclos contínuos, que atuam começando, se desenvolvendo e se transformando, e de certa forma se finalizando. Entretanto, percebo que coincide conjuntamente com o começo de outro processo, entre meios, materiais e espaço e, por isso, a criação de arte está em constante movimento, se conectando e influenciando.

Juntamente de Sandra Rey (2002), sigo com os escritos de Cecília Almeida Salles (2012) que desenvolve argumentações em busca da pesquisa em prol do processo, e a investigação do mesmo. Concedendo a liberdade para a análise de cada traço feito, desde do seu nascimento, esmiuçando os documentos, anotações e rascunhos da artista que existem ligados ao processo criativo, e investigando o que influenciou o traço ser o que aparenta ser. Dessa forma averiguando, acompanhando e defendendo uma pesquisa que se desenvolve em prol do processo, cada rascunho e experimentação, aproximando-se de um estudo vinculado à estética do inacabado. Algo que sempre segue se refazendo.

Refletindo sobre

Feita uma reflexão sobre o processo de produção artística das três obras autorais feitas no início de 2025, em comparação com trabalhos anteriores, é possível começar a perceber e visualizar as mudanças do *espaço de criação* que antes se encontrava no espaço físico dos laboratórios do campus, nas salas de aulas, ou no *Quartoateliê*, migraram para frente de telas em localidades diversas.

Às vezes, pelo trajeto do ônibus indo para a faculdade utilizando o celular, ou sentada no sofá da sala durante um almoço de família pelo tablet, ou com certa frequência durante os períodos livres nos espaços de tempo entre compromissos,

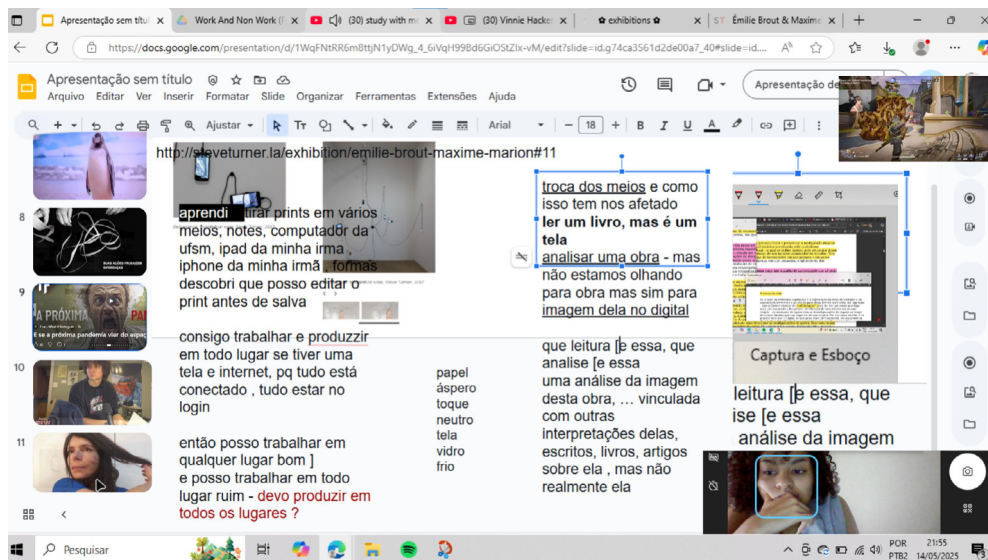


Figura 3. "D.004", Colagem Digital, 1123x794 px. Andressa Freitas, 2025. Fonte: Autoral (2025).

nas bibliotecas do campus por computadores disponibilizados para os estudantes. Dessa experiência, evidencio que a criação de trabalhos artísticos e poéticos não estão mais vinculadas a locais, salas e cômodos específicos para produção de arte, a criação se torna móvel, por meio dos dispositivos eletrônicos utilizando de *logins* e *backups*. Em resultado de não precisar estar em espaços físicos específicos para poder dar continuidade à pesquisa e produzir trabalhos artísticos, a produção pode existir em qualquer momento e a qualquer instante.

Compreende-se que é possível ser feita a construção deste *espaço de criação* em qualquer lugar que o corpo criador esteja presente, se conectando por meios de dispositivos eletrônicos portáteis, ou com auxílio de *logins* e *backups* em aparelhos não pessoais, logo criar este espaço móvel levá como chave essencial a mente que o acessa. Desta forma, levando em consideração os escritos do antropólogo Marc Augé (2009) Ter a oportunidade de acessar este "espaço de criação" torna-se possível transformar qualquer "não-lugar" em um "lugar de criação", por ser ele uma parada de ônibus, o *hall* de um prédio ou a fila do caixa de um supermercado. Assim o "espaço de criação" está em relação com o corpo criativo.

Torna-se mais complexo sair deste *espaço*, pois ele pode ser construído em qualquer local, sendo portátil com o corpo. Pois é possível fazer o ato de sair de um prédio universitário, uma sala de aula ou um quarto, deixando em suspensão a produção, entretanto se ela é acoplada com o corpo criador isso não é possível.

Entretanto, a existência desta possibilidade de conexão constante com a produção artística e acadêmica somada com alta exigência de desempenho,

competitividade, autocobrança e estresses vinculados à pressão acadêmica torna mais fácil desenvolver ansiedade, depressão e até *burnout*. Resultados que não beneficiam o discente, a instituição ou o campo de estudo vinculado à pesquisa.

Estar constantemente em um estado de produção dificulta a oportunidade de intervalos para descanso, e reflexões sobre o que está sendo elaborado, da mesma forma que não possibilita que o estado de tédio surja. Sentimento este que permite o fruto de novas ideias, que pode proporcionar clareza sobre temas abordados, a análise de novas propostas a serem desenvolvidas futuramente. Com isto em mente a busca do equilíbrio entre produção e descanso torna-se um estado que pode proporcionar benefícios tanto para o discente quanto para o programa, pois “Se o sono perfaz o ponto alto do descanso físico, o tédio profundo constitui o ponto alto do descanso espiritual. Pura inquietação não gera nada de novo. Reproduz e acelera o já existente” Han (2015, pg. 19).

Encontrar um ponto de equilíbrio pessoal e se permitir momentos de tédio, entre o estado de produção, de leituras, de escritas, proporciona a oportunidade de interpretação e contemplação sobre o processo de pesquisa. Assim, desacelerar e descansar torna-se algo necessário ao processo de criação e de qualquer investigação.

Efeitos da constante conexão

Ao compreender que o *espaço de criação* pode ser móvel, construído e acessado com o auxílio de dispositivos eletrônicos e a mente que os utiliza, é possível vagar e habitar diversos espaços para desenvolver e dar continuidade a pesquisa em qualquer lugar. Entretanto, ao utilizar um atelier portátil, deve-se levar em consideração que o espaço físico onde ele é acessado pode influenciar fortemente os trabalhos feitos ali. Como citado anteriormente, o trajeto de ônibus pode ser transformado em um “espaço de criação”.

Agora analisando o ambiente de ônibus este que circula pela cidade, e está em constante movimento, composto por pessoas desconhecidas, diversos barulhos como de conversas, motores e buzinas juntamente com corpos se esbarrando, estas condições afetando e ditam quanto o corpo criador pode se movimentar, e se concentrar no que está sendo produzido, e desta forma influenciando os trabalhos produzidos neste espaço.

Destarte, trabalhos que podem ser desenvolvidos por *ateliês portáteis*, como uma colagem digital ou uma produção textual, feitos em um ambiente que não foi construído para este propósito, concede as sua iluminação, os tons de cores, a composição do espaço e o seu ritmo podem ser agregadas à produção artística e assim transformando o resultado final de uma obra. Diante disso, essas influências externas que a compõem podem migrar para o espaço expositivo.

Ao contemplar uma pintura feita com técnicas tradicionais, é possível imaginar quais foram os espaços que ela percorreu, existe uma recorrência entre eles e

outras pinturas, como o espaço da loja que forneceu a vendeu da tela e os materiais artísticos, o espaço do ateliê onde ela foi produzida, e o espaço expositivo, sem dúvidas pode existir outros espaços que ela perpassa, entretanto quando se trata de trabalhos produzidos em espaços de tempo emprestados de forma móvel e portátil, como em um ônibus, durante o intervalo de uma aula, em um almoço em família, na praia, em uma biblioteca ou em um bar torna-se inúmeros os possíveis espaços que esta produção perpassou e as influências que ela carrega existente em seus traços.

O contínuo hábito de produzir em espaços não específicos para a criação, pode levar a interferir no desenvolvimento dos trabalhos artísticos em andamento. Ao estar privado da oportunidade da disponibilidade de ficar horas em um estado de criação adentrando totalmente na atmosfera de produção criativa, tem potencial para se tornar algo prejudicial. O tempo e o espaço mudam ao manter o corpo constantemente em movimento e a mente acelerada em busca da produtividade excessiva resulta em uma vida *cafetizada* (ROLNIK, 2019), priorizando a quantidade dos resultados e não a qualidade, desta forma abrindo lacunas para que o desenvolvimento do que está sendo produzido não atinja o seu potencial.

Pelas perspectivas enunciadas, reflito sobre o espaços de criação não convencionais e quais são os corpos que os utilizam, quais são sua classe social econômica, sua cor ou seu gênero, e se algum desses quesitos os influenciam a manter o hábito de criar em lugares não propícios para criação, e quais trabalhos surgiram se tivessem a oportunidade de sempre utilizar espaços de criação adequados para suas necessidades e técnicas, juntamente com o equilíbrio entre produção, descanso e desaceleração.

Desfecho

Em decorrer de habitar em diversos ambiente propícios para a produção artística, o que levou a refletir criticamente sobre a relação do espaço de criação com o corpo criador, possibilitou afirmar a existência da utilização de ateliês portáteis, acessados com auxílio de dispositivos eletrônicos digitais, e que juntamente do benefício da oportunidade de estar constantemente conectada e mantendo a continuidade da pesquisa, também carrega a possibilidade prejudicial de manter o corpo e mente em estado acelerado de produtividade. Portanto, não apenas desconfio, vivencio que a formatação do espaço afeta o corpo criador, alterando a poética a partir da atuação do corpo, influenciando o processo de produção e métrica do desempenho acadêmico e a qualidade dos resultados produzidos.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Editora 90, 2009.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Élida (org.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 123–140.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2019.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Intermeios; FAPESP, 2011.

HAN, Byung-Chul **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

Andressa da Silva Freitas

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (2025-) na linha de pesquisa de Arte e Transversalidade pela Universidade Federal de Santa Maria. Graduada em Artes Visuais Bacharelado com ênfase em Poéticas Visuais UFSM (2023); Integrante do Grupo de Pesquisa Artes Visuais Contra-Hegemônica - AVEC - CNPQ/UFSM, do Laboratório de Criatividade e Inovação - LACRIA e do grupo de Pesquisa Processos Pictóricos GPICTO - CNPq/UFSM.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8437206145712853>

ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2076-8243>

Flávia Maria de Brito Pedrosa Vasconcelos

Docente Associada do Departamento de Artes Visuais e permanente do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais - PPGART, Centro de Artes e Letras - CAL da Universidade Federal de Santa Maria. Líder do Grupo de Pesquisa Artes Visuais Contra-Hegemônica- AVEC - CNPQ/UFSM e coordenadora do Laboratório de Criatividade e Inovação - LACRIA. Doutora em Educação Artística pela Universidade do Porto - Portugal, bolsista CAPES Doutorado Pleno no Exterior.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7285933895645743>.

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9853-5588>